

ANTROPOÉTICAS

HAYNA HELYDA HELEIA ORDONE¹; DANIELE BORGES BEZERRA²
CLAUDIA TURRA MAGNI³

¹Universidade Federal de Pelotas – hayna304@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – borgesfotografia@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A participação no Projeto de *Antropoéticas* - coletivo originado no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), ao Programa de Pós-Graduação e ao Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - foi desenvolvida entre abril e agosto de 2025, através da Bolsa de Iniciação Científica da FAPERGS.

Este trabalho apresenta um recorte de experiências que se entrelaçam entre a antropologia e as artes. A apostila é em metodologias sensíveis, experimentais e coletivas, nas quais o *fazer-com*¹ (HARAWAY, 2023) e a *atenção*² nas relações no mundo (INGOLD, 2016) se configuram como gestos éticos e epistemológicos.

Partindo da ideia de que a criação pode ser entendida como campo de conhecimento e forma de pesquisa, propomos uma reflexão sobre como as práticas artísticas podem abrir caminhos de investigação na antropologia, possibilitando modos de narrar, escutar e experimentar que escapam às fronteiras disciplinares.

Nessa direção, o próprio corpo do/a antropólogo/a e as emoções por ele percebidas na relação com a alteridade passam a ser instrumentos de análise, da mesma forma que os significados atribuídos aos sentidos em cada contexto. Desse modo, é possível afirmar que emoções e sentidos colaboram entre si, sendo que, enquanto pesquisadores/as, nossa sensibilidade é parte dos dados que construímos (BEZERRA et al., 2023, p. 242).

A base teórica apoia-se em autores que repensam as formas de produção de conhecimento na antropologia. Bezerra et al. (2023) falam em “mediações antropoéticas” como práticas de errância e experimentação; Pinheiro et al. (2019) destacam a legitimidade de metodologias sensíveis e colaborativas; Ingold (2016) propõe uma antropologia da atenção, em que observar é também corresponder ao outro; Leal (1998) comprehende a percepção antropológica como um quebra-cabeça social; e Elias (2019) defende a etnografia multissensorial, na qual diferentes linguagens (visual, corporal, escrita) ampliam a narrativa etnográfica.

No contexto local, a trajetória do LEPPAIS e do coletivo Antropoéticas consolida-se como “ferramenta poética e política”, articulando ensino, pesquisa e

¹ Donna Haraway (2024), em *Ficar com o problema*, propõe o conceito de *fazer-com* (*making-with*) como alternativa a um fazer sobre ou para o outro. Trata-se de uma ética da copresença e da co-criação, na qual pesquisa, vida e cuidado se entrelaçam.

² Tim Ingold (2016) desenvolve a ideia de “antropologia da atenção”, entendendo observar não como distanciamento analítico, mas como forma de corresponder ao outro e habitar os mesmos fluxos de vida.

extensão a partir de metodologias colaborativas e em diálogo com saberes populares.

O objetivo geral foi experimentar metodologias sensoriais e coletivas como modos de produzir conhecimento antropológico. Especificamente, buscou-se compreender como práticas manuais (bordado, desenho), corporais (performance, movimento) e narrativas (escrita, audiovisual) podem favorecer a escuta e a atenção, ampliando as formas de registro e reflexão no trabalho etnográfico.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e experimental, fundamentada nos princípios da etnografia multisensorial e da pesquisa-ação colaborativa, alinhando-se à concepção do grupo de trabalho *Antropoéticas*, que entende o fazer antropológico como um processo situado, relacional e aberto à experimentação.

O trabalho concentrou-se nas oficinas *Antropoéticas e Narrativas Híbridas: um fazer (po)ético*, realizadas nos dias 4 e 5 de agosto de 2025, durante a XV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). As oficinas foram coordenadas por Patrícia Pinheiro (UNILA) e Daniele Borges (UFPel) e ministradas por Gabriela Novaes Santos (UFRN) e Wanda Balbé (EACyP-UBA/NAVISUAL-UFRGS).

Cada oficina foi organizada em três sessões: uma dedicada ao bordado como método de atenção, correspondência e escuta; outra à performance e à corporalidade como formas de habitar e documentar o espaço; e a terceira à elaboração de sinopses e roteiros como dispositivos etnográficos. Os registros incluíram anotações de campo, fotografias e materiais produzidos coletivamente, como bordados, desenhos e esboços narrativos.

Além disso, foram realizadas conversas com os participantes das oficinas, essas interações foram fundamentais para compreender de que modo os pesquisadores articulam o processo criativo às práticas de investigação, possibilitando a integração da sensibilidade e da colaboração nos registros e na análise dos dados.

Essa experiência articulou-se a outras atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa, incluindo a participação mensal nos encontros do grupo *Antropoéticas*³; a contribuição na *Mostra Compartilhando Olhares: Filmes, diálogos e escritas*⁴; e o apoio no *Curso de Produção (Áudio)Visual e Sistematização de Acervos em Antropologia*⁵. A análise considerou o cruzamento de linguagens visuais, verbais e corporais, compreendendo a pesquisa como processo de experimentação, copresença e diálogo entre diferentes saberes.

³ Os encontros do grupo de trabalho *Antropoéticas* são realizados em formato híbrido, presencialmente no LEPPAIS e online, conectando pesquisadores de diferentes instituições, com a participação de convidados que desenvolvem pesquisas no campo do audiovisual.

⁴ A Mostra Multisituada de Filmes realizou-se entre os dias 04 e 06 de junho de 2025, em parceria com o LABOME/UVA e integrada à XIII Visualidades. Em Pelotas, a programação foi transmitida no Cine UFPel, o evento reuniu produções audiovisuais etnográficas e artísticas, incluindo a Mostra Itinerante de Filmes Prêmio Pierre Verger (2024) e os filmes do 13º Visualidades (2025).

⁵ O curso, coordenado por Daniele Borges (UFPEL), foi realizado entre 11 de junho e 20 de agosto de 2025, com encontros semanais que reuniram cerca de 27 estudantes de graduação e pós-graduação em antropologia. Estruturado em dois módulos introdutórios, voltados para iniciantes no uso do audiovisual em pesquisas qualitativas, contou com a participação de quatro ministrantes convidados atuantes na área, promovendo a articulação entre linguagens visuais e narrativas etnográficas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos podem ser compreendidos em quatro dimensões principais: participação coletiva, experimentação sensorial, corporeidade e produção audiovisual. A participação nos encontros do grupo Antropoéticas evidenciou que o conhecimento emerge da copresença e da colaboração, mostrando que as devolutivas não se configuraram como produtos finais, mas como registros processuais que reforçam a centralidade do *fazer-com*.

Na sessão de bordado, conduzida por Gabriela Santos, o gesto manual foi acionado como dispositivo de atenção, permitindo a escuta sensível do outro e a reflexão sobre o próprio processo de pesquisa. O bordado revelou-se como método de registro etnográfico capaz de integrar dimensões afetivas, corporais e cognitivas, tornando visíveis experiências complexas que combinam diferentes linguagens e formas de percepção.

Praticar a observação participante é, portanto, juntar-se em correspondência àqueles com quem se aprendeu ou entre os quais se estudou, num movimento que, ao invés de voltar no tempo, segue em frente. Aqui está o propósito, dinâmica e potencial educacional da antropologia. (INGOLD, 2016, p. 409)

Na sessão de performance corporal, conduzida por Wanda Balbé, a participação em atividades que exploram movimento, dança e percepção do espaço demonstrou como o corpo atua como instrumento de conhecimento. Essa prática permitiu registrar hierarquias, texturas e relações espaciais que não seriam acessíveis apenas por meios verbais, mostrando como a antropologia pode ser um fazer encarnado e situacional.

A terceira sessão da oficina, ministrada pela Patrícia Pinheiro, dedicada à elaboração de sinopses e roteiros, destacou a relevância da narrativa audiovisual como ferramenta de registro e reflexão etnográfica. A construção de sinopses curtas, aliada à discussão sobre planejamento e conflito, mostrou que a escrita narrativa organiza o material e promove reflexão ética e epistemológica sobre o processo de pesquisa. O audiovisual, enquanto prática compartilhada, ampliou as formas de restituição e tornou a pesquisa mais sensível às complexidades do campo.

Ao final das sessões, os participantes apresentaram os trabalhos coletivamente e dialogaram sobre como processos criativos e experimentais potencializam a produção acadêmica. De modo geral, os resultados indicam que as metodologias experimentais adotadas permitem um mapeamento sensorial e relacional do campo, promovendo atenção, cuidado ético e inter-relação entre pesquisadores e participantes, consolidando o processo colaborativo como elemento central na produção de conhecimento antropológico.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa *Antropoéticas* evidencia a relevância de integrar métodos manuais, corporais e audiovisuais como instrumentos epistemológicos, nos quais experiência, sensibilidade e inter-relação constituem o próprio conhecimento antropológico.

Desse modo, o enfoque em práticas colaborativas desafia a concepção clássica de restituição etnográfica como produto final, propondo que o *fazer-com* e o processo contínuo de criação compartilhada sejam formas legítimas de

produção de saber antropológico, permeadas por sensibilidade, afecções e uma preocupação ética constante, pautada pelas relações de correspondência entre pesquisadoras e interlocutoras.

Além disso, a pesquisa reforça a importância da etnografia multissensorial, evidenciando que a dimensão sensorial e corporal é central na construção de sentidos antropológicos. Ao articular arte e antropologia, o projeto propõe uma metodologia simultaneamente estética, ética e política, abrindo caminhos para novas formas de investigação, ensino e produção de conhecimento.

Em síntese, a inovação da pesquisa está em consolidar o fazer sensível, relacional e poético como método epistemológico, mostrando que o conhecimento antropológico pode emergir de experiências colaborativas, corporais e criativas, enriquecendo a prática acadêmica e comunitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no chtluceno**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

ELIAS, Alexsânder Nakaóka. Por uma etnografia multissensorial. **Tessituras**. V7 | N2 | JUL-DEZ 2019. Pp 266-293.

LEAL, Ondina Fachel. Paisagem etnográfica: Imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. **Iluminuras**, v. 14, n. 34, 2013.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos; MAGNI, Cláudia Turra; KOSBY, Marília Floôr. Antropoéticas: outras etnografias. **Tessituras**, v. 7, n. 2, 2019. Dossiê: "Antropoéticas: outras etnografias".

BEZERRA, Daniele Borges; NAKAÓKA ELIAS, Alexsânder; DE PAULA MARTINS, Valéria; DE LIMA MOURA, Lisandro Lucas; DOS SANTOS PINHEIRO, Patricia; TORO TAMAYO, Luis Carlos. ETNOGRAFIAS MULTISENSORIAIS E MEDIAÇÕES ANTROPOÉTICAS: A experimentação como forma de errância. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 24, n. 64, 2023.